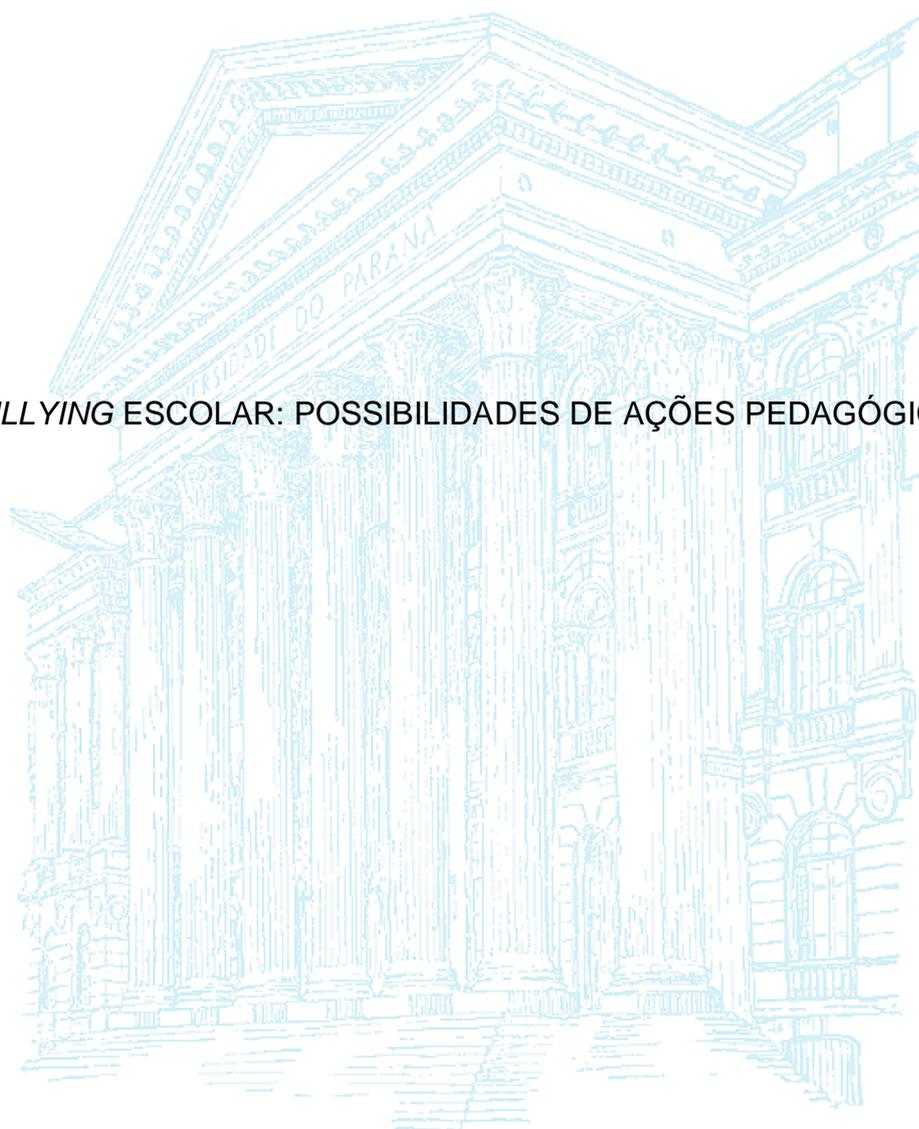


UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

CLEIDE CRISTINA SCHEBESKI ANTONIACOMI

BULLYING ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE AÇÕES PEDAGÓGICAS



LAPA
2016

CLEIDE CRISTINA SCHEBESKI ANTONIACOMI

BULLYING ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE AÇÕES PEDAGÓGICAS

Trabalho de Conclusão do Curso de Pós-Graduação em nível de Especialização em Gênero e Diversidade na Escola, do Setor Litoral da Universidade Federal do Paraná, apresentado como requisito parcial à obtenção do título de Especialista em Gênero e Diversidade na Escola.

Orientador: Prof. Douglas Gomes Daronco

Co-orientador: Prof. Clóvis Wanzinack

LAPA
2016

BULLYING ESCOLAR: POSSIBILIDADES DE AÇÕES PEDAGÓGICAS

Cleide Cristina Schebeski Antoniacomi¹; Douglas Gomes Daronco²; Clóvis Wanzinack³

¹Especialista em Saúde Coletiva. E-mail: ccschebeski@gmail.com

²Especialista em Arte e Educação. E-mail: dougladaronco@yahoo.com.br

³Mestre em Desenvolvimento Regional. E-mail: cloviswa@gmail.com

Resumo: O *bullying* pode ser compreendido como acontecimentos de violência física ou psicológica, com o objetivo de intimidar um indivíduo ou grupo, que vem incidindo constantemente dentro do espaço escolar, onde até bem pouco tempo era visto como normal. Este artigo propicia um relato de intervenção pedagógica que promoveu ações educativas que levassem o/a aluno/a repensar a prática do *bullying* para que possamos viver em uma sociedade mais justa e igualitária. Para tanto, foi desenvolvido ações para identificar a ocorrência do *bullying* no ambiente escolar, compreender os danos causados pela prática do *bullying* e desenvolver práticas pedagógicas para expressão de sentimentos que sensibilize os/as alunos/as sobre o respeito à diversidade. A amostra de intervenção foi constituída de 53 estudantes do 9º ano do ensino fundamental da rede municipal de Araucária. Como resultado, identificou-se a possibilidade de sensibilizar os estudantes através de atividades que permitam a expressão de seus sentimentos, porém é necessário um trabalho em conjunto com toda a comunidade escolar na busca da minimização da problemática do *bullying*.

Palavras-chave: *bullying*; ambiente escolar; práticas pedagógicas

Abstract: *Bullying* can be understood as events of physical or psychological violence in order to intimidate an individual or group, which is focusing constantly within the school environment, which until recently, was seen as normal. This article provides a pedagogical intervention report that promoted educational actions that took the / a student / a rethinking *bullying* so we can live in a more just and egalitarian society. Therefore, we developed actions to identify the occurrence of *bullying* in the school environment, understand the damage caused by *bullying* and developing pedagogical practices for expression of feelings that sensitizes / the students / the on respect for diversity. The intervention sample consisted of 53 students from 9th grade of elementary school in the municipal Araucaria. As a result, we identified the possibility of raising awareness among students through activities that allow the expression of their feelings, but it is necessary to work together with the whole school community in the pursuit of minimizing the *bullying* problem.

INTRODUÇÃO

A escola é um local onde as crianças e os/as adolescentes são preparados/as para a vida social e intelectual, aprendendo qual o seu principal papel

como cidadãos comprometidos, atuantes e capazes de transformar a sua realidade, respeitando sempre as diferenças. Porém acontecimentos de violência vêm transformando este local de aprendizado, seja ele público ou privado, tornando-o o principal disseminador de preconceito e *bullying*, devido principalmente ao despreparo e o preconceito dos adultos no ambiente escolar e/ou familiar, que tendem a perpetuar e agravar o problema, além de contribuir para a ocorrência de suas cruéis e indesejáveis consequências (SILVA, 2010).

O termo inglês *bullying* não possui uma tradução exata no português, podendo ser entendido como episódios de violência física ou psicológica, intencionais e repetitivos, com o objetivo de intimidar um indivíduo ou grupo considerados inferiores ou mais frágeis.

O *bullying* sempre esteve presente no ambiente escolar, nas salas de aulas, nos pátios, nas quadras esportivas, inclusive com a presença de professores/as, situação que demonstra ser ainda comum a omissão desses/as profissionais no que se refere ao combate de tais formas de violência. (RAMOS, 2008; ALBINO, 2012)

Neto (2005) alerta que os comportamentos agressivos ocorridos nas escolas são tradicionalmente admitidos como naturais, sendo habitualmente ignorados ou não valorizados, tanto por professores/as quanto pelos pais e mães.

Cantini (2004, citado por BANDEIRA e HUTZ, 2010) também identifica alguns fatores de risco que podem estar associados à ocorrência do *bullying*, como fatores da personalidade, autoestima, dificuldades nas relações sociais, ser vitimizado na escola ou fora dela, violência na escola ou fora dela, violência na comunidade, desajustes familiares, práticas educativas parentais, contexto escolar, alienação escolar, violência na mídia e, percepção do problema. Para Oliveira e Antônio (2006), o *bullying* está se tornando cada vez mais presente no meio dos/as adolescentes, facilitado pelo advento de uma sociedade moderna e suas peculiaridades, pela banalização da violência, pela desigualdade social, econômica e cultural, pelas práticas de atividades ilícitas e pela cultura de consumo.

Como consequências do processo *bullying*, Albino (2012), cita: baixa autoestima, baixo rendimento e evasão escolar, estresse, ansiedade e agressividade podendo evoluir para graves transtornos psicopatológicos como, fobias, depressões, ideias suicidas e desejo intenso de vingança. Rolim (2008, citado por BANDEIRA e HUTZ, 2010) declara que as vítimas de *bullying* possuem até três vezes mais chances de sofrer com dores de cabeça e com dores abdominais, até cinco vezes

mais chances de ter insônia e até duas vezes e meia mais chances de experimentar enurese noturna, quando comparadas às crianças que não são vítimas.

Em seus estudos, Ramos (2008) percebeu em estudantes que praticam o *bullying*, que alguns de seus familiares, demonstram no seu discurso, ou nas atitudes, preconceito com as diferenças, assim, se há nas famílias demonstrações claras, ou mesmo veladas, de intolerância para com as diferenças, é bastante provável que o/a adolescente passe a demonstrá-las também.

Em seu trabalho, Ukan (2013) alerta que é necessário o envolvimento de professores/as, funcionários/as, pais e alunos na implantação de projetos de redução do *bullying*, além de planos com foco na prevenção.

A inexistência de políticas públicas que indiquem a necessidade de priorização das ações de prevenção ao *bullying* nas escolas, objetivando a garantia da saúde e da qualidade da educação, significa que inúmeras crianças e adolescentes estão expostos ao risco de sofrerem abusos regulares de seus pares (NETO, 2005).

Através destas observações e vivências na rotina escolar, verificou-se a necessidade do desenvolvimento de um projeto sobre *bullying*, que visasse diminuir a sua incidência no ambiente escolar, partindo da análise do modo como às crianças percebem e entendem o *bullying* e a sua necessidade de orientação e atenção a respeito do problema, tomando como base o diálogo e a troca de ideias para sensibilizar os/as alunos/as em relação à temática, buscando transformar a escola em um local mais saudável e seguro, que respeite as diferenças.

Sendo assim, o presente trabalho contemplou como objetivo geral, desenvolver ações educativas que levassem o/a estudante a repensar a prática do *bullying*, através dos seguintes objetivos específicos: identificar a ocorrência do *bullying* no ambiente escolar; compreender os danos causados pela prática do *bullying*; desenvolver práticas pedagógicas para expressão de sentimentos que sensibilize os/as alunos/as sobre o respeito à diversidade.

METODOLOGIA

Este trabalho foi realizado na Escola Municipal Rosa Picheth - Ensino Fundamental de Araucária – PR, fundada no ano de 1902, situada na área rural do

município, denominada Guajuvira, que até o ano de 1991 atendia apenas as séries iniciais de ensino. A partir desta data, em um processo de consolidação de outras 13 escolas rurais, passou a ofertar todas as séries do ensino fundamental.

Atualmente atende 451 estudantes, oriundos de 15 comunidades rurais que utilizam o transporte escolar, percorrendo até 35 km de distância para o acesso ao estabelecimento de ensino, sendo em sua maioria, filhos de agricultores/as e chacareiros/as.

O projeto foi realizado com duas turmas de 9º ano do Ensino Fundamental, totalizando 53 estudantes pesquisados/as, com idades entre 13 e 17 anos, do período matutino, devido às observações constantes da prática do *bullying* dentro do âmbito escolar e pela ânsia de sensibilizar os estudantes quanto suas consequências, a partir das aulas da disciplina de ciências.

A presente pesquisa apresentou caráter quali-quantitativa, que além de levantar dados sobre o fenômeno *bullying* na escola, teve a intenção de compreendê-lo e buscar meios de expressar sentimentos na tentativa da mudança social, pois “elas podem e devem ser utilizadas, em tais circunstâncias, como complementares, sempre que o planejamento da investigação esteja em conformidade” (MINAYO e SANCHES, 1993).

Para se atingir os objetivos deste trabalho, foi desenvolvida durante as aulas de ciências, a seguinte sequência de estratégias:

1º Momento: Aula expositiva sobre *bullying* e suas consequências.

2º Momento: Aplicação de questionário de pesquisa (ANEXO1).

3º Momento: Produção de uma faixa com a frase “*Bullying* e Educação não combinam!”, rodeada por um mosaico de rostos de pessoas, demonstrando toda a diversidade existente.

4º Momento: Elaboração de uma dramatização de trechos do texto “O Diário de Davi Satil: uma Vítima de *Bullying*” (ANEXO 2).

5º Momento: Redação de um texto, na forma de diário, contando uma experiência de *bullying* seja como autor, vítima ou expectador.

6º Momento: Elaboração de desenho que represente o texto produzido.

7º Momento: Criação de um mural na escola com os materiais produzidos.

Tais estratégias foram pensadas para que além dos objetivos esperados esse trabalho propiciasse momentos de reflexão e expressão de sentimentos, dentro

de trabalhos coletivos que promovessem a interação entre os/as estudantes e o respeito ao próximo e a coletividade.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O primeiro momento deste trabalho foi uma aula expositiva sobre o fenômeno *bullying* abordando seu significado, suas características, ocorrência no ambiente escolar, malefícios e consequências à saúde. Durante a aula surgiram muitos questionamentos, tais como quais ações podem ser consideradas *bullying*, *cyberbullying*, e as atitudes legais possíveis quando identificados os casos.

Depois da aula utilizou-se como delineamento quantitativo a aplicação de um questionário, que foi estruturado pela instituição Kidscape, para levantamento de dados do fenômeno entre os/as 53 estudantes pesquisados/as.

Quando questionados sobre o gênero do/as agressores/as, 38% afirmam que são do gênero feminino, 62% que são do gênero masculino, reafirmando os estudos de Neto (2004, citado por NETO, 2005), que observou um domínio do gênero masculino como agressor. O que não indica necessariamente que sejam mais agressivos, mas sim que têm maior possibilidade de adotar esse tipo de comportamento.

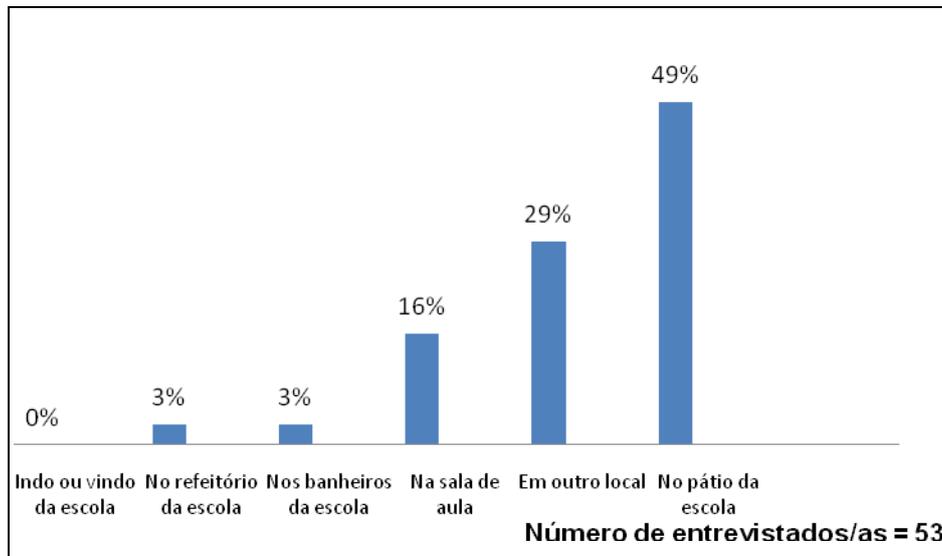
Dos 53 estudantes entrevistados/as, 53% sofreram ou sofrem algum tipo de *bullying*, enquanto somente 47% afirmaram não terem passado por tal situação. Conforme Neto (2005), a agressividade nas escolas é um problema universal, sendo que o *bullying* diz respeito a uma forma de afirmação de poder interpessoal por meio da agressão, no qual há consequências negativas imediatas e tardias sobre todos os envolvidos: agressores, vítimas ou observadores.

Em relação à idade, que o *bullying* ocorreu, reafirmaram-se os estudos de Neto (2005), que indicam que o fenômeno é mais prevalente entre estudantes com idades entre 11 e 13 anos sendo menos frequente na educação infantil e ensino médio, assegurados pelos dados que indicam 78% de ocorrência entre os 11 e 14 anos e 15% de 5 a 11 anos. Deve-se considerar que a maioria se encontra com idades entre 13 e 14 anos, fase em que os casos de *bullying* são mais notáveis.

Com relação aos locais onde ocorre o *bullying* (GRÁFICO 1) há uma prevalência no pátio da escola (49%) que segundo Albino (2012), especificamente,

nos horários de recreio, nos quais não se costuma encontrar supervisão de adultos e nas salas de aula, inclusive com a presença de professores/as.

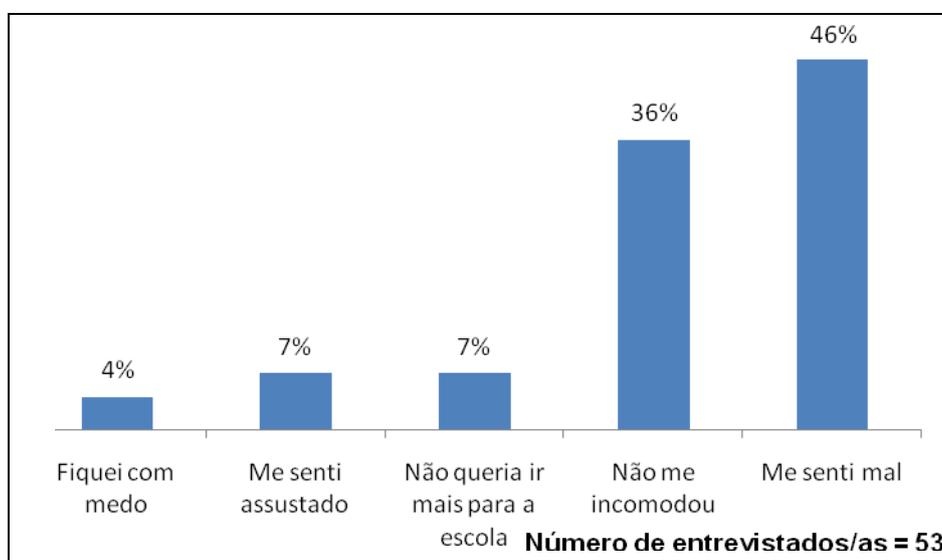
GRÁFICO 1– LOCAL ONDE OCORREU O *BULLYING*.



FONTE: Autores/as (2015).

Grande parte dos estudantes pesquisados se sentiu mal pela agressão sofrida (GRÁFICO 2), o que segundo Oliveira e Antônio (2006), “podem vir a se tornar adultos com saúde mental desequilibrada podendo desencadear entre outro transtorno do pânico, crises de ansiedade e, quando não, suicídio ou homicídios”.

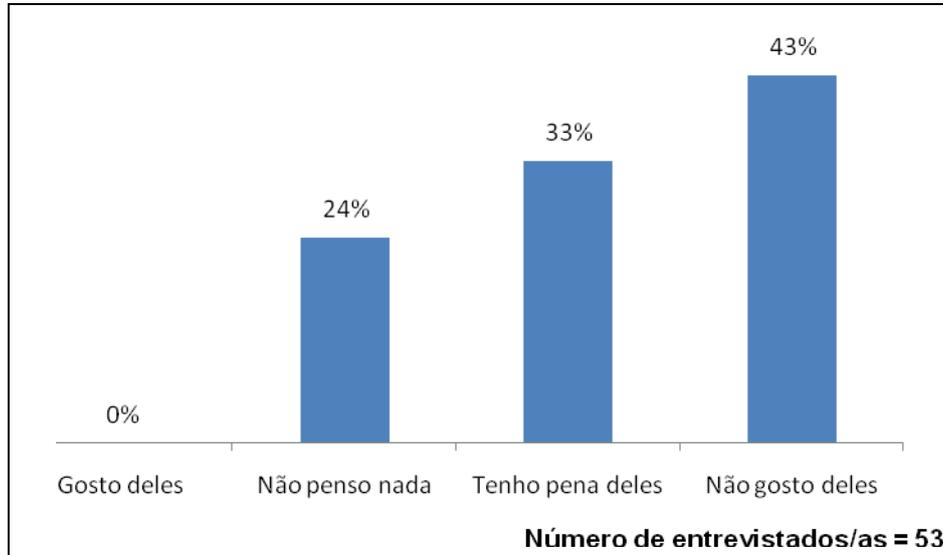
GRÁFICO 2 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AO *BULLYING*.



FONTE: Autores/as (2015).

O GRÁFICO 3 apresenta sentimentos ligados aos agressores, que prevalece o “Não gosto deles”.

GRÁFICO 3 – SENTIMENTOS EM RELAÇÃO AOS AGRESSORES.



FONTE: Autores/as (2015).

O fenômeno *bullying*, segundo Martins (2005 citado por ALBINO, 2012) pode ser classificado em três formas:

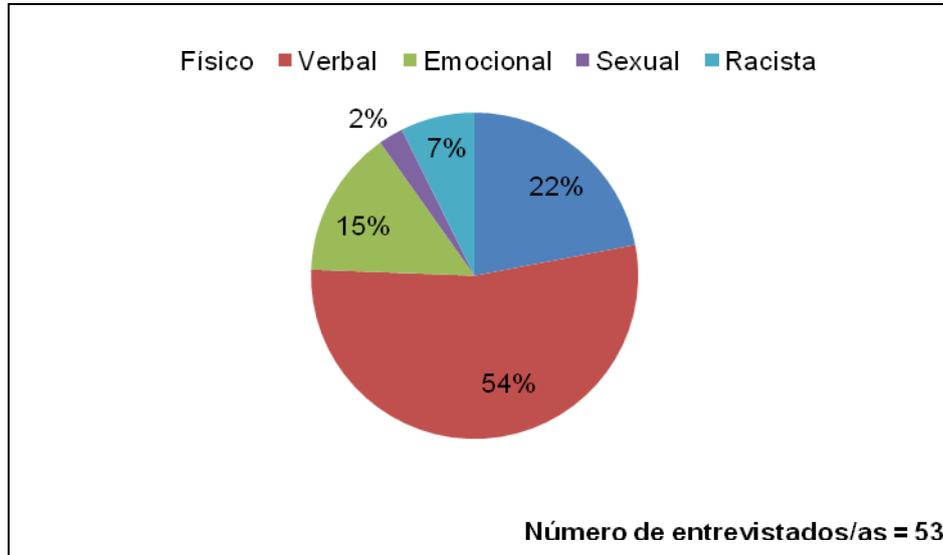
- Os comportamentos “diretos e físicos”, caracterizados por atos de agressão física, roubo, extorsão e ameaça;
- Os comportamentos “diretos e verbais”, como insultos, apelidos, “tirar sarro”, comentários racistas, homofóbico ou que não respeitem a diversidade;
- Os comportamentos “indiretos”, que compreendem ações de exclusão, fofocas e boatos.

Quando indagados sobre a prática de agressão, um número considerável (58%) afirmou ser autor/a do fenômeno *bullying*. Para Albino (2012) o *bullying* costuma provocar um ciclo perverso, no qual muitas vítimas em uma dada situação acabam se tornando os agressores de novos sujeitos em outras oportunidades, gerando um crescimento exponencial da violência.

No desenvolvimento deste trabalho constatou-se que as agressões verbais (54%) são as principais formas de *bullying*, que de acordo com Ukan (2013), decorre

do fato da banalização de xingamentos, ou seja, da falta de valores e da ausência de respeito para com o próximo, seguida pela física e a emocional (GRÁFICO 4).

GRÁFICO 4 - TIPO DE INTIMIDAÇÃO, AGRESSÃO OU ASSÉDIO SOFRIDO.



FONTE: Autores/as (2015).

O próximo passo foi à produção de uma faixa, com a frase “*Bullying e Educação não combinam!*”, rodeada por um mosaico com rostos de pessoas (FIGURA 1). Os/as alunos/as pesquisaram em revistas as imagens que gostariam de colocar para representar a diversidade. Essa foi uma atividade bem importante, pois se conseguiu com que as duas turmas trabalhassem juntas e sem conflitos entre eles.

FIGURA 1 – FAIXA SOBRE BULLYING.



FONTE: Autores/as (2015).

Dividiu-se os/as educandos/as em grupos com seis estudantes e a partir do texto “O Diário de Davi Satil: uma Vítima de Bullying” produziram dramatizações de pequenos trechos da história.

O trabalho com o texto também serviu de base para que os estudantes redigissem um texto, na forma de diário, contando uma experiência de *bullying* seja como: agressor, vítima ou observador. Neste texto foram encontradas diversas falas sobre o assunto, tais como:

“Eles fazem bullying comigo, me chamando de gay... eu nunca mais queria vir à escola, pois sentia muita raiva.”

“Alunos sofrem bullying na minha escola por serem da cor negra.”

“Eles não gostam, mas eu acho legal porque todo mundo da sala ri.”

“Não é só eu que falo esses nomes, nem foi eu que inventei nenhum destes nomes. Então minha consciência é tranquila a respeito.”

“Meu sentimento naquela hora foi de querer apenas chorar e não voltar mais para o colégio por vergonha e medo das pessoas rirem de mim.”

Em outro momento solicitou-se a produção de um desenho, que para eles representa uma situação de *bullying* em que participaram como agressores, vítimas ou observadores.

Por fim, organizou-se junto aos alunos/as um espaço com as produções, que permaneceu em exposição no pátio da escola (FIGURA 2).

FIGURA 2 – EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS



FONTE: Autores/as (2015).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste trabalho de intervenção pedagógica foi desenvolver ações educativas que levassem o/a estudante a repensar a prática do *bullying*, pois esta prática antissocial de agressividade entre os estudantes é constante no dia a dia da

escola e é um dos fenômenos que atrapalha o desenvolvimento do ensino aprendido e a estrutura emocional do/a aluno/a.

É possível ressaltar através dos dados obtidos que há um grande número de casos de *bullying*, prevalecendo à incidência entre os meninos, com idade entre de 11 a 14 anos e que o pátio da escola ainda é o local de preferência para esta prática onde a agressão verbal é a mais comum. Sobre as agressões sofridas as vítimas alegam se sentirem mal e não gostarem dos agressores.

Silva (2010) destaca que a escola na atualidade precisa priorizar as relações interpessoais em diálogo com o conteúdo programático, para educar os jovens para a vida adulta, cabendo a todos, direta ou indiretamente, com o desenvolvimento de um projeto educativo capaz de transmitir valores como tolerância e respeito, auxiliar as novas gerações na construção de uma sociedade mais justa e menos violenta.

Sendo assim, a escola como formadora de cidadão precisa ter um olhar mais atento a estes casos e valorizar mais a diversidade dos/as alunos/as em projetos que envolvam toda a comunidade escolar na redução do *bullying*, buscando uma sociedade mais justa e igualitária.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALBINO, P. L. **Considerações Críticas Sobre O Fenômeno Do *Bullying*: Do Conceito Ao Combate E À Prevenção.** Revista Eletrônica do CEAF. Vol. 1, n. 2, Porto Alegre, fev-maio/2012.

BANDEIRA, C. M. e HUTZ, C.S. **As Implicações do *Bullying* na Autoestima de Adolescentes.** Revista Semestral da Associação Brasileira de Psicologia Escolar e Educacional, v 14, n 1, p. 131-138, Jan-Jun/2010.

CANTINI, N. **Problematizando o bullying para a realidade brasileira.** Tese de Doutorado, Pontifícia Universidade Católica de Campinas, Campinas, São Paulo, 2004.

MARTINS, M. J. **O problema da violência escolar: uma clarificação e diferenciação de vários conceitos relacionados.** Revista Portuguesa de Educação, 18 (1), 93-105, 2005.

MINAYO, M. C. S. & SANCHES, O. **Quantitativo-Qualitativo: Oposição ou Complementaridade?** Caderno Saúde Pública, Rio de Janeiro, 9 (3): 239-262, jul/set, 1993.

NETO, A. A. L. **Bullying - Comportamento Agressivo entre Estudantes.** Jornal de Pediatria, Vol. 8 - Sociedade Brasileira de Pediatria, 2005.

NETO A. A., Saavedra L. H. **Diga NÃO para o Bullying.** Rio de Janeiro: ABRAPI; 2004.

O Diário de Davi Satil: uma Vítima de Bullying. Disponível em: <<http://silvanosulzarty.blogspot.com.br/2011/04/o-diario-de-devid-uma-vitima-de-bullig.html>>. Acesso em 02/02/2015

OLIVEIRA, A. S; e ANTÔNIO, P. S. **Sentimentos do Adolescente Relacionados ao Fenômeno Bullying: Possibilidades para a Assistência de Enfermagem neste Contexto.** Revista Eletrônica de Enfermagem, v. 8, n 1, p. 30-41, 2006.

Questionário de Pesquisa Kidscape. Disponível em: <<http://www.observatoriodainfancia.com.br/IMG/pdf/doc-161.pdf>> Acesso em: 24/07/2015.

RAMOS, A. K. S. **Bullying: A violência tolerada na escola.** 2008. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/802-4.pdf>>

ROLIM, M. **Bullying: O pesadelo da escola, um estudo de caso e notas sobre o que fazer.** Dissertação de Mestrado, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, Rio Grande do Sul, 2008.

SILVA, Ana Beatriz B. **Bullying: mentes perigosas nas escolas**. Rio de Janeiro; Objetiva, 2010.

UKAN, V. **Jogos cooperativos: uma proposta de intervenção ao fenômeno bullying**. Lapa: Universidade Estadual do Paraná; 2013.

ANEXO 1
QUESTIONÁRIOS DE PESQUISA

KIDSCAPE

1) Você já sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?

SIM

NÃO

2) Que idade você tinha quando isso aconteceu?

Menos de 5 anos

De 11 a 14 anos

De 5 a 11 anos

Mais de 14 anos

3) Quando foi a última vez que você sofreu algum tipo de intimidação, agressão ou assédio?

Hoje

Nos últimos 6 meses

Nos últimos 30 dias

Há 1 ano ou mais

4) Quantas vezes você já sofreu intimidação, agressão ou assédio?

Uma vez

Quase todos os dias

Diversas vezes

Várias vezes ao dia

5) Onde isso aconteceu?

Indo ou vindo da escola

Na sala de aula

No pátio da escola

No refeitório da escola

Nos banheiros da escola

Em outro local

6) Como você se sentiu quando isso aconteceu?

Não me incomodou

Fiquei com medo

Me senti assustado

Me senti mal

Não queria mais ir para a escola

7) Quais foram as conseqüências da intimidação, agressão ou assédio sofrido por você?

Não teve conseqüências

Conseqüências terríveis

Algumas conseqüências ruins

Fez você mudar de escola

8) O que você pensa sobre quem pratica intimidação, agressão ou assédio na escola?

Não penso nada

Não gosto deles

Tenho pena deles

Gosto deles

9) Na sua opinião, de que é a culpa se a intimidação, agressão ou assédio continuam acontecendo?

De quem agride Da direção da escola
Dos pais deles De quem é agredido
Dos professores
Dos outros alunos que só assistem e não fazem nada

10) Por favor, marque se você é:

Menino Menina

11) Quem intimidou, agrediu ou assediou você é?

Menino Menina

12) Que tipo de intimidação, agressão ou assédio você sofreu?

Físico Sexual
Verbal Racista
Emocional

13) O que poderia ser feito para resolver esse problema?

14) Você já intimidou, agrediu ou assediou alguém?

Sim Não

Nome da Escola

Endereço

Município - UF

ANEXO 2

O DIÁRIO DE DAVI SATIL: UMA VÍTIMA DE BULLYING

Não sei o que acontece às vezes me acho diferente dos meus colegas, queria sumir, me esconder dentro de um baú, e de lá não sair tão cedo, sinto uma dor, e dói mais quando penso que amanhã terei que voltar lá outra vez e encontrarei aqueles meninos. Às vezes eu me sinto tão só, mesmo tendo muita gente por perto de mim. Fico com medo de chegar na escola, pegar o transporte e ter que ouvir aquelas palavras. Tudo isso é tão doloroso, que parece que estão espremendo o meu coração... fico sem letras e palavras para escrever.

Minha mãe, diz que eu tenho que falar tudo para ela, mas para que falar? Preciso de ajuda querido diário. Ela não tem tempo para mim. Como um menino de 13 anos, fica assim? Tristonho, moribundo e com medo. Se eu fosse forte e alto, quem sabe as coisas seriam diferentes. Sou meio gordinho e o médico diz que tenho que fazer regime. Regime é uma lista enorme de coisas que te proíbem de comer. Eu não como muito, só gosto de chocolate, torta de maçã, refrigerante, e minha sobremesa preferida é pudim. Na lista do regime, sou proibido de comer tudo isso.

Na semana passada, o Pedro e o Daniel tomaram meu lanche. Fiquei com tanta raiva, que se eu pudesse os fazia sumirem no mapa. Mas tem também as gêmeas lá da sala, que ficam me chamando de Baleia Orca, eu até fui no Google ver como era essa tal Orca, e não acho que pareço muito com elas não. As Orcas são chamadas de baleias assassinas e chegam a pesar nove toneladas. Eu só peso 78 quilos, é pouco considerado o peso das Orcas.

Já pedir para a minha mãe, me tirar desta escola, mas fico com medo de na outra escola, tudo se repetir, e tem uma outra coisa, gosto muito da professora e no recreio, pois vou sempre para a sala de leitura e fico lá, pelo menos ninguém fica me perturbando. Queria ser diferente do que sou quem sabe assim eles me aceitariam. O João é o único que não me provoca, ele é meu melhor amigo. Ser diferente é errado? O que faço para que eles parem de me perseguir? A professora às vezes ver tudo o que acontece, reclama e fala com todo mundo, mas no outro dia começa tudo de novo. Não posso ficar chorando assim.

Já inventei que estava me sentindo mal para não ir à escola, sei que isso é errado, mas o que faço? Fico desanimado, e vejo que se a situação agravar, não irei ser mais advogado, pois tirei uma nota ruim em matemática, pois estava chateado. Os meninos logo na chegada me perguntaram sobre o lanche de hoje. Qual seria o cardápio? Um dia eles me pagam, quando eu for advogado, eles vão ver.

Já olhei tudo, para ser advogado eu tenho que fazer uma prova chamada de vestibular. Caso eu passe vou ingressar na Faculdade de Direito. Vamos ver se com as leis eles vão brincar. Já até sonhei com tudo isso. Pensar que eles vão ser punidos me alegra.

Mas sabe de uma coisa? Amanhã irei entregar esta folha do diário a professora e pedir para ela só ler quando chegar em casa. Ela pode me ajudar a ser advogado, e prender logo todo mundo que me faz, me sentir tão diferente e triste assim. Sei que vai doer, mas não se preocupe, a folha vai e volta desta forma continuaremos amigos.

Ps: Prezada professora, favor após a leitura me devolver a página do diário, ele vai agradecer.

Ps 2: Não conte para ninguém o que está escrito aqui. São minhas histórias. Posso confiar em você?

Ps 3: Você me acha parecido com uma Orca? Tem mais coisas, muito mais, mas o meu diário ficaria triste se as outras páginas tiverem que sair dele.

Silvano Sulzart